

O dualismo campo-cidade na perspectiva (antropológica) judaica em Portugal

MANUEL CADAFAZ DE MATOS

Antropólogo. Membro da Associação Espanhola de Orientalistas, da Sociedade de Geografia de Lisboa e da Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII

Resumo:

A realização de estudos de cariz antropológico que temos vindo a desenvolver, ao longo dos últimos dez anos, quer no seio da comunidade judaica de Lisboa, quer — e essencialmente — no da comunidade beirã de Belmonte, tem-nos conduzido a algumas conclusões de que é sobretudo nos meios rurais que os cristãos novos do século vinte (ou os seus descendentes) têm mais dificuldade na manutenção da sua identidade sócio-cultural e sócio-religiosa.

A existência na cidade, neste caso Lisboa, de uma Sinagoga que capta os fiéis para as prestações de culto e demais cerimoniais constitui a força de um cimento aglutinador que leva à manutenção de um calendário ritual consequente, caracterizado por um «tempo religioso contínuo». Isso já não se verifica em pequenas comunidades rurais de «marranos» como a de Belmonte em que cada um vai «memorizando» o que do culto judaico lhe foi transmitido por uma linguagem oral cada vez mais esquecida e que hoje apenas constitui matéria de registo (cada vez mais difícil de captar porque a memória dos homens, como nos dizia em Paris pouco antes de morrer George-Henri Rivière, também está condenada a morrer).

Palavras-chave:

Antropologia (minorias étnicas); Judaísmo; Identidade cultural; Etnomusicologia; Geografia étnica portuguesa.

Resumé:

Les études anthropologiques que nous avons développées pendant les dix dernières années en deux communautés juives, l'une à Lisbonne et l'autre à Belmonte (Beira Baixa), nous ont amené à une conclusion fort intéressante: c'est surtout dans la société rurale que les nouveaux-chrétiens du XX^{ème} siècle (ou leurs descendants) ont plus de difficultés à préserver leur identité socio-culturelle et socio-religieuse.

Si, dans une ville comme Lisbonne, l'existence d'une Synagogue, qui capte des croyants pour les prestations religieuses et pour d'autres cérémonies religieuses, est ainsi le principal motif de cohésion qui conduit à la manutention d'un calendrier rituel conséquent, caractérisé par un «temps

religieux en continuum», tel ne se constate plus par contre dans les petites communautés de la vie rurale portugaise comme celle de Belmonte, où chacun ne peut que se remémorer tout ce qui du culte juif lui à été transmis par un langage oral, de plus en plus oublié, et qui est le seul matériel d'enregistrement dont nous pouvons disposer aujourd'hui (chaque fois plus difficile à capter, parce que la mémoire des hommes est aussi condamné a mourir, comme nous disait à Paris, peu de temps avant sa mort, Georges-Henri Rivière).

Mots-clés:

Anthropologie (minorités ethniques); Judaïsme; Identité culturelle; Ethnomusicologie; Géographie ethnique portugaise.

1 — A SOBREVIVÊNCIA DAS TRADIÇÕES DE UM CULTO

Com o decorrer dos séculos as tradições judaicas — no caso concreto português trata-se das tradições dos marranos ou de gente de «Nação» — vão-se diluindo um pouco por todo o lado, caindo, enfim, no esquecimento. Isso regista-se, com particular ênfase, nas comunidades rurais onde o conhecimento se transmite por via oral, pois que nas cidades o recurso ao texto escrito — e a preservação que ele mesmo permite no tocante à salvaguarda dos valores de uma determinada cultura — é muito mais frequente.

Havendo no nosso país a necessidade de se equacionar a sobrevivência das práticas culturais das comunidades luso-sefarditas numa (imprescindível) dicotomia cidade-campo, o referido facto só prova que, nos últimos três séculos, a tradição escrita se foi depauperando de forma tão apressada que agora, entre essas gentes — mesmo entre aqueles descendentes que afirmam trazer consigo o sangue dos antigos «marranos» — pouco resta de uma vastidão de conhecimentos, mitos e ritos, caracterizada outrora por uma tão singular vitalidade e representatividade simbólica.

A vila beirã de Belmonte será hoje, indiscutivelmente, uma daquelas que, de uma forma mais palpável, soube manter tal prática espiritual, acompanhada das manifestações culturais a ela inerentes (de uma forma dissimulada ou não). Mas, mesmo ali, ao longo dos últimos decénios, se tem vindo a assistir a uma gradual perda de tais valores, nomeadamente etnográficos.

Numa perspectiva comparativista — e atendendo aos estudos que ali temos vindo a desenvolver ao longo dos últimos dez anos — pode-se já concluir que desde meados dos anos vinte se tem assistido a uma perda (irreversível) de grande parte dos valores tradicionais que, à altura, ali podiam ser observados se não mesmo recolhidos.

Foi na segunda década deste século, com efeito, que Samuel Schwarz, um israelita polaco, engenheiro de minas, se deslocou ao nosso país, no âmbito dos seus afazeres profissionais. E dada a consciência do seu hebraísmo interessou-se,

em contacto directo com a comunidade judaica de Belmonte, em fazer uma recolha sistemática de tudo quanto, nomeadamente de um ponto de vista antropológico e etnomusical, tinha a ver com a preservação (entre nós) daquele tipo de cultura.

Vemos, assim, que por exemplo já em 1918 aquele polaco procedia ao levantamento de alguns dos mais significativos vestígios etnoculturais das «gentes de Nação» que habitavam aquela vila.

Dado o seu conhecimento de trabalho etnomusicológico — nomeadamente os seus rudimentos de anotação musical — aquele judeu procedeu em tal período à recolha de importantes espécimes folclóricos de inspiração hebraica, inclusive alguns belos «cantos de Páscoa».

A comunidade judaica daquela vila beirã, sendo embora um pálido vestígio da sua poderosa força anímica de outrora, não pode, no entanto, ser estudada separadamente de todo o contexto sócio-geográfico e sócio-religioso nacional.

Em relação a um estudo sistemático da vida das comunidades sefarditas no nosso país, não podemos deixar de referir que elas se agregam a partir de um sentimento mágico-religioso. Importará frisar, assim, que quanto à sua distribuição no território português, elas denotam uma verdadeira assimetria geográfica quer em função da sua importância demográfica, quer da sua eficácia simbólica em relação aos outros credos seguidos entre nós. A cidade de Lisboa, neste contexto, personifica já, no entanto, a organização de uma comunidade sólida e bem organizada.

Na sua apreciação às relações cidade-campo, o sociólogo Bernard Kayser refere que, num plano sócio-geográfico, o domínio cultural da cidade continua a ser por demais evidente. Isso apesar de este domínio não datar mais do que da época em que o meio rural se converteu num lugar atractivo. Aí a difusão dos meios culturais da cidade produz-se paralelamente à ampliação do mercado de consumo.

1.1 — Sociedade e mudança num contexto etnoantropológico

Reforçado pela revolução industrial, o domínio urbano sobre o campo caracteriza-se, pois, à maneira clássica, por um sistema de relações também violentamente assimétrico. Já data, com efeito, dos começos do século passado o início de uma acção conducente a uma verdadeira integração do mundo rural. «Essa forma de mudança, traduzida numa sistemática ruptura, não foi apenas marcada pela moderna organização dos mercados, como pela absorção pela cidade das mais amplas camadas de jovens rurais». Deste modo torna-se fácil constatar que, já desde as primeiras décadas deste século, se começa a registar um surto migratório da comunidade judaica de Belmonte para meios comerciais e fabris de cidades como Lisboa ou Porto.

1.2 — Concepções ideológicas do judaísmo em 1918

No mesmo ano em que o polaco Samuel Schwarz procedia em Belmonte ao levantamento das coordenadas culturais dominantes da população sefardita da região, publicava Oswald Spengler o primeiro volume da sua famosa obra «A Decadência do Ocidente».

Aí esse autor desenhou uma imagem da história universal que classificou de morfologia. Para ele o decisivo no desenvolvimento histórico não é o facto particular mas sim o «típico». E citamo-lo: «As culturas são concebidas como organismos que, enquanto tais, obedecem às leis naturais do crescimento, declinação, petrificação e desaparecimento.»

Só que este processo não implica nenhum progresso em geral. E, dentro deste contexto genérico, vejamos o que representava para aquele autor a «nação» judaica espalhada pelo mundo.

Essa obra de Spengler contribuía, assim, no período em que findava a primeira grande guerra, para a popularização da imagem judia da sua época e do mito criado em torno dessa imagem. Spengler negava, assim, a concepção nacional-socialista da raça. Segundo ele a raça não é a resultante de condições fisiológicas que podem ser medidas ou definidas, mas sim de gestos e movimentos, de tudo aquilo que reflecte o espírito.

Atendendo a este aspecto o judeu teria de ser situado fora do padrão colectivo da sociedade europeia. Spengler defendia que o judeu nunca teve uma verdadeira pátria, nem esteve nunca ligado à terra.

O vínculo entre os judeus está, assim, dado por um «consenso» (uma espécie de «acordo secreto»), de tipo mágico-religioso.

O capítulo no qual Spengler resume as suas ideias acerca dos judeus, está significativamente incluído na parte do seu livro denominada «Problemas da cultura árabe». Trata-se de uma insólita mescla de antíteses e de comparações formuladas mediante obscuras concepções místico-biológicas. Junto a certas verdades, intuitivamente captadas, sobre a índole da existência judia entre os povos europeus, Spengler oferece um conjunto de opiniões verdadeiramente estereotipadas. Fala do abismal ódio metafísico no qual cabe distinguir o ritmo diferente de duas correntes existenciais que «aparecem na forma de uma dissonância insuportável»; fala de um «ódio que pode ter consequências trágicas para ambos». Refere-se à sensação interior de estranheza com a qual o judeu participa na vida do «povo anfitrião», incluindo quando se considera membro desse povo.

Para Spengler é esta a razão do papel destrutivo do judaísmo em qualquer parte onde aparece. O destino dos judeus não é excepcional e único. Eles «constituem um fenómeno único na história do mundo», salienta, «na medida em que, *a priori*, são considerados como tal». Desprovidos assim da sua peculiaridade, são uma vez mais qualificados como «elementos distintivos», como portadores de um «cinismo nocivo», com agressivo ateísmo frente às religiões

estranhas, enquanto que os costumes primitivos da sua própria religião permanecem «intocáveis».

Atendendo ao trabalho que tal autor fazia publicar nesse ano de 1918, «a única coisa que importa ao judeu é a vida, a raça, o triunfo da vontade de poder e não o triunfo de verdades, de inventos ou de dinheiro».

Podendo-se inferir, da população não judaica de Belmonte algumas ilacções desse tipo (em relação aos pressupostos teorizados por Spengler), é no entanto mais prudente distanciá-la nesse começo de século do contexto judaico internacional. Importa inseri-la no contexto sefardita peninsular onde, ao que é por demais sabido, o judaísmo atingiu proporções por demais características nos seus laços de relação com os povos com que entraram em confronto (e nem sempre em litígio). A sobrevivência do judaísmo em vilas como Belmonte, ou em lugares transmontanos como Arcozelo, ou Carção, são uma prova cabal de que, entre nós, judaísmo nem sempre foi um sinal acéfalo de retracção e de muro. Diálogo e comunicação — mesmo que de um modo *sui generis* — marcaram, com efeito, em grande escala global, o nosso processo civilizacional judaico com os povos (ou credos) que lhe estavam mais próximos.

E se, algumas vezes, a intransigência não foi norma social, isso deveu-se, sobretudo, a manifestas incapacidades de se superar um espírito «patriarcal» por demais arcaico e de natureza «altamente endogâmica», que leva à falta de inovação no seio de uma dada cultura.

2 — PARÂMETROS GEO-ANTROPOLÓGICOS DE BELMONTE DESDE A «DESCOBERTA» DE SAMUEL SCHWARZ

A «descoberta» da vila judaica de Belmonte por parte de Samuel Schwarz (1), a que aludimos atrás, revestiu-se de características deveras particulares. Ainda no ano de 1917 aquele engenheiro polaco — que viveu entre 1880 e 1953 — fazia já os seus primeiros contactos humanos naquela vila beirã, a fim de conquistar as simpatias daquelas gentes.

E há um aspecto de mentalidades que é importante realçar. Pouco depois de Schwarz se ter instalado ali, um comerciante cristão disse-lhe que uma loja onde tinha ido comprar provisões pertencia a um judeu, pelo que devia deixar de lá fazer as suas compras.

Excitado, Schwarz foi falar com o dono da loja a este respeito, mas este negou categoricamente qualquer ligação judia. Depois de dizer ao homem que ele próprio era judeu e de muito insistir, este pediu a Schwarz que provasse ser

(1) Já depois de termos apresentado este trabalho, tivemos ensejo de nos encontrarmos pessoalmente com a filha de Schwarz, residente em Portugal, e de tomarmos conhecimento de manuscritos inéditos desse autor.

judeu, recitando uma oração em hebreu. Schwarz começou a recitar «Shema Ysrael». O homem interrompeu Schwarz à segunda palavra, e em breve a notícia se espalhou pela aldeia, provocando grande excitação.

Samuel Schwarz, que morreu em 1953, afirmou que essa tinha sido a primeira indicação recebida pelos marranos do norte de Portugal de que não eram os únicos judeus na terra.

Detenhamo-nos, assim, sobre a caracterização geo-antropológica de Belmonte. Trata-se de uma comunidade sefardita (de descendentes de conversos forçados), reduzida em número, mas que continua a viver com fervor as práticas do criptojudáismo. Os seus elementos rezam a Adonai, respeitam o Sabbat e o jejum de Yom Kippur, celebram a Páscoa judia e fazem «hashkavá» pelos seus defuntos.

Nos finais do século XII Maimónidas, o «Sefardita», escreveu uma importante epístola aos judeus do Yémen para lhes dar um conselho: «em vez de perder a vida e os seus bens é preferível simular a conversão e resignar-se a praticar o judaísmo na clandestinidade». O autor sabia do que estava a falar, já que ele próprio se vira obrigado a fazê-lo na Espanha e em Marrocos.

Com o evoluir dos séculos a situação (também) em Portugal acusou alguns traços com características afins à realidade iemenita. Na vila de Belmonte, com cerca de três mil e quinhentos habitantes, os descendentes dos (outrora vitimados) hebreus não o esqueceram. Hoje são entre duzentos e trezentos e dedicam-se nas feiras ao comércio de confecções têxteis, que eles mesmo produzem em pequenas indústrias, no meio de uma população essencialmente rural.

Não sem orgulho identificam-se como judeus, por mais que estejam perfeitamente integrados no tecido social local e participam plenamente na vida política e social de Belmonte. Duas diferenças, contudo, perfeitamente respeitadas por toda a gente da povoação: uma série de crenças e práticas religiosas caracteristicamente criptojudias e uma endogamia ancestral não isenta de problemas de saúde. Mas provavelmente este perigo não ignorado foi conscientemente assumido e é o segredo, o grande segredo dos antepassados e provavelmente a chave para este milagre de fidelidade, refere Xavier Domingo (1984).

2.1 — Degenerescência biológica em Belmonte?

Uma atenta leitura bio-sócio-cultural da vida desta comunidade leva-nos, assim, a introduzir nesta análise novos dados valorativos. Assim um problema de saúde como este não pode, efectivamente, deixar de ser constatado numa perspectiva genética.

Nas pequenas populações, com efeito, ou seja nas sociedades restritas e fortemente endogamizadas, as frequências do genes podem mudar ao acaso. Isso

porque é o efeito causal (quando os números são pequenos) que produz a deriva genética.

Efectivamente os efeitos da derivação podem ser verificados numa análise à população das pequenas comunidades, quer humanas quer de outros organismos.

A frequência dos caracteres nessas pequenas populações, segundo defende Richard Leakey, pode diferir bastante da frequência nas grandes populações das quais se isolaram.

Nas grandes populações humanas, por exemplo, a maioria dos distúrbios genéticos são raros, mas em certas comunidades religiosas fechadas — como os membros da seita Amish, da Pensilvânia (interessante o estudo que deles faz William Kelley e Earl Wallace), ou da minoria parse, de Bombaim e Damão —, os mesmos distúrbios genéticos, como a síndrome de Troyer, uma forma de distrofia muscular, são bastante comuns (LEAKEY, 1982).

Nesses casos, as comunidades geralmente foram fundadas por um pequeno número de indivíduos, alguns dos quais, ainda segundo Leakey, eram caracterizados por genes recessivos raros na condição de heterozigóticos.

Na população de comunidades restritas deste tipo, derivadas exclusivamente desses fundadores, os genes tornam-se comuns por processo causal da deriva genética, e indivíduos homozigóticos para o gene recessivo — e portanto apresentando o traço recessivo — verificam-se com maior frequência do que fora dessas mesmas comunidades.

Os distúrbios genéticos são, assim, apenas as manifestações mais óbvias de uma mudança completa nas frequências dos genes nas reservas dos genes de populações pequenas.

Não desejando nós, aqui, neste trabalho sumário, afirmar categoricamente já da existência de um determinado grau de degenerescência biológica na comunidade judaica de Belmonte — dado sobretudo os casamentos consanguíneos que já ali se realizam há séculos — não podemos, no entanto, deixar de chamar a atenção para os relatórios de investigadores do Instituto de Antropologia do Porto, que ali trabalharam (em bases estritamente científicas), durante alguns meses.

E dado que tivemos o grato ensejo de acompanhar as «démarches» feitas por aquela missão antro-po-biológica, revelamos o carácter pertinente de algumas das suas conclusões (2):

1. *Poster — HEMERALOPIA (judaico)*

A persistência do isolado e da ocorrência de várias doenças a ele associadas foram assinaladas por Amílcar Paulo. Assim estudaram-se por inquérito várias famílias de que se mostram algumas genealogias apresentando-se a afecção como

(2) Agradecemos ao doutor António Amorim ter colocado tais dados à nossa disposição.

transmitindo-se de modo autossômico recessivo. Contudo não foi possível associar-lhe oftalmoscopicamente qualquer modificação morfológica consistente, como na catalogada por Mc Kusick (n.º 26810).

2. Poster — CONSANGUINIDADE APARENTE

Através dos registos de casamento católico da freguesia de Belmonte foi possível estabelecer o coeficiente de consanguinidade aparente (Bernstein) de 1860 a 1980 na população em geral e no isolado criptojudáico. Os valores observados são, em geral, elevados em ambas as comunidades, apesar da diferença de efectivo (aproximadamente 1/10) e não mostra tendência decrescente.

3. Poster — ALGUMAS MARCAS GENÉTICAS

Em Belmonte encontra-se talvez o único isolado criptojudáico ainda existente em Portugal, segundo Amílcar Paulo. Assim pareceu urgente iniciar o estudo de algumas marcas genéticas naquela população. Até à data não sendo possível recolher um número suficiente de amostras de sangue desta comunidade, estudaram-se ABO, RH (D), HPA e AMY2 de aproximadamente 100 residentes na localidade. Em especial a distribuição fenotípica em HPA parece indicar uma mistura de populações com diferentes frequências genéticas.

Nestes relatórios do Instituto de Antropologia do Porto participaram os seguintes investigadores: ANTÓNIO AMORIM, C. BRANDÃO, M. A. FARIA, M. C. REBIMBAS, L. SOUSA e J. MACHADO CRUZ. Apenas o nome deste último, saliente-se, não figura entre os signatários do terceiro e último relatório.

Apesar de tudo torna-se necessário questionarmo-nos sobre em que medida esse tipo de degenerescência biológica principia já a dar sinais exteriores da sua existência entre a população da comunidade judaica de Belmonte. Não procurando nós entrar aqui em pormenor, não podemos, no entanto, deixar de apontar casos como o do olhar de algumas mulheres (um olhar verdadeiramente «alucinado» e quase diríamos fantasmagórico); na secreção, por vezes excessiva, de saliva; na forma como abrem a boca em manifestação de espanto; numa manifesta forma de alheamento «in presentia»; bem como na forma como, em muitos casos, gritam uns para os outros em formas de comunicação verdadeiramente extemporânea e nalguns casos a-significante.

Não será demais apontarmos que se torna verdadeiramente necessário proceder a uma análise mais detalhada, no intuito de que, de um ponto de vista de Antropologia Médica — essa corrente tão singularmente desenvolvida no país vizinho há ainda tão poucos anos atrás por cientistas como JOSÉ M. REVERTE COMA — se possam vir a encontrar novos suportes teóricos a tão problemática (e não menos insidiosa) questão.

Um dado que, para já, não podemos ignorar é o facto de a esmagadora maioria destes distúrbios genéticos assentar no facto de se continuarem — ao longo de várias gerações — a realizar casamentos consanguíneos ⁽³⁾.

A este respeito eis o testemunho de uma das mais destacadas pessoas no seio daquela comunidade, Abílio Henriques, de 45 anos: «Os marranos de Belmonte têm-se casado geralmente dentro da fé, embora hoje os jovens casem mais como não judeus. Nós preferíamos que os nossos filhos casassem com raparigas judias» (garantindo, desta forma, a condição haláchica de que os progenitores têm consciência judaica).

E continua ele: «Mas se o meu filho casasse com uma não judia, espero ao menos que continue a ser judeu. Mas não há nada que possa fazer por isso. A minha mulher diz que se os nossos filhos (têm dois filhos, um com 23 anos, que trabalha como gerente na firma do pai e outro com 19, estudante) casarem com duas judias, morreria muito feliz» (DOMINGO, 1984).

3 — PRÁTICAS RITUALÍSTICAS E CERIMONIAIS

XAVIER DOMINGO — natural de Barcelona onde se situa a mais importante comunidade judaica «viva» de toda a Espanha — durante a sua visita a Belmonte questionou-se sobre desde quando estão estas famílias judias naquela vila e a que se deverá um tão firme enraizamento cultural e religioso.

Os documentos cristãos revelam, com efeito, a existência de uma florescente comunidade judia a partir de 1100. Acontece que Maimónidas, precisamente na epístola aos Yemenitas atrás citada, alude a um texto de Mishná (século II) que diz: «Os exilados de Jerusalém, espalhados por Sefarad, ocupam as cidades desta terra». Refere-se o texto (Obadía 1, 20) à primeira destruição do templo, o que indica a presença na Hispânia de descendentes directos do rei David, exilados na sequência da conquista de Jerusalém por Nabucodonosor. E esta seria realmente uma raiz muito profunda.

Na Península Ibérica, com efeito, já depois de delimitados os espaços territoriais de Espanha e de Portugal, os judeus portugueses que habitavam a zona

⁽³⁾ O estudo da consanguinidade em núcleos (relativamente) isolados deste tipo encontra-se, aliás, singularmente patenteado em estudos como PADEZ, Cristina Maria Proença, «Estudo da Consanguinidade aparente da População da Freguesia de Caria». Esta autora, então aluna do Instituto Antropológico de Coimbra, elaborou tal estudo após ter tomado em consideração para essa comunidade rural «períodos de tempo quinquenais entre 1881 e 1980 e de ter determinado o total de casamentos em cada quinquénio e o total de casamentos consanguíneos dentro do mesmo período...». Foi assim que determinou, «em média o número de homens e mulheres que não sendo naturais da freguesia vieram casar nela»; bem como determinou o número de casamentos endogâmicos nessa freguesia. Agradecemos ao dr. Laranjeira, deste Instituto, o ter-nos cedido uma cópia de tal trabalho.

da «raia» viviam praticamente sempre a «salto». Quando as coisas corriam mal para eles em Portugal, iam para Espanha; e se o ambiente aí piorava, regressavam a Portugal. Tudo era, afinal, Sefarad. Toda a raia portuguesa, desde a Galiza até ao Algarve, foi uma sucessão de florescentes judiarias (com particular relevo para as zonas fronteiriças das Beiras Alta e Baixa e de Trás-os-Montes), especialmente na Serra da Estrela, por alguma razão assim chamada (DOMINGO, 1984).

Assim, tal como acontece na judiaria da cidade da Guarda, algumas das casas de Belmonte, no bairro chamado Marroco, têm gravada na pedra uma cruz. Era o sinal que a Inquisição punha nas casas dos judeus que, obrigados a escolher entre a conversão e a morte, seguiam o conselho de Maimónidas optando pela conversão.

Desta feita, foi de tal ordem a prática judaica nesta vila de Belmonte que, ainda hoje, se podem encontrar os vestígios onde outrora existiu a sinagoga local, símbolo de organização (espiritual e social) da comunidade local. Mas a prova mais cabal dessa mesma sinagoga é uma velha pedra, com algumas inscrições em hebraico, e foi retirada da zona da antiga sinagoga precisamente por Samuel Schwarz e levada por este para a cidade de Tomar, para o local onde dentro de breve prazo se espera a inauguração de um museu sobre a presença hebraica no nosso país.

Um museu é, no entanto, sempre uma tentativa de re-actualização («ritualização»?) do passado. E em termos de dinâmica da cultura importa, por vezes, olhar primeiro o que essa mesma cultura foi num passado próximo, para depois se tirarem as devidas ilacções em relação à sua evolução e com respeito à manutenção ou perda da sua própria identidade.

Tomamos, assim, como dados comparativos de análise as pesquisas efectuadas por Samuel Schwarz no seio daquela comunidade em 1918 e outras por nós desenvolvidas naquele mesmo local cerca de sessenta anos depois.

As festas e jejuns judaicos, escreveu Schwarz, que estão ainda actualmente em uso entre os cristãos novos são: o Sábado, a Páscoa e o Kipur, o jejum judaico, também designado por «dia grande», que se celebra no décimo dia da lua de Setembro. Antigamente os mais ortodoxos, tinham igualmente o hábito de jejuar no dia chamado da «Rainha Ester», bem como às segundas e quintas-feiras. Esse jejum votado àquela rainha realizava-se um mês antes da Páscoa e era a única reminiscência, segundo aquele autor, que lhes ficava da festa judaica de Purim, em memória da salvação dos judeus por aquela rainha (festa que os judeus celebram justamente um mês antes da Páscoa e que começa com um jejum).

Mas além dessas festas os cristãos novos de Belmonte conservam os costumes e ritos judaicos seguintes: cerimónias de casamento, de enterro, de luto, regras de alimentação, assim como as orações judaicas e a fé na vinda do Messias, «para a restauração do povo de Israel na Terra Prometida».

Estas orações são rezas quer em particular, quer em reuniões de cristãos novos por ocasião dos sábados ou de outras festas e cerimónias judaicas e são ditas em português arcaico, misturado aqui e acolá com palavras hebraicas.

Geralmente é uma mulher que as recita de cor, em voz alta, ao passo que os assistentes as repetem em voz baixa.

Em termos de alimentação os cristãos-novos abstêm-se, conforme o uso judaico, da carne de porco, coelho, lebre ou peixe sem escamas. Quanto à carne de porco, salientava Schwarz, a abstenção não é, actualmente, absoluta, por causa da necessidade de se recorrer, na província, ao presunto e aos outros preparos da carne de porco, muitas vezes por falta de outra.

Têm igualmente os cristãos-novos o hábito judaico de salgarem a carne de que deixam escorrer completamente o sangue antes de a cozinharem. Conservam, por outro lado, a tradição, chamada pelos judeus «Halá», durante a cerimónia da preparação do pão ázimo, que consiste em lançar no fogo, antes da cozedura, um pouco de massa, fazendo nesta ocasião uma oração especial. Consiste ela na recitação dos seguintes versos:

— Samuá, tome-o lá!
Ao céu vá à terra torne
Para o sustento dos pecadores,
O Senhor te cubra de bom crescimento!

Actualmente os cristãos-novos (SCHWARZ, 1925) não frequentando as igrejas, não baptizando os seus filhos e fazendo o enterro civil, estão convencidos, na sua ignorância da religião hebraica, de terem realizado acto de judeus.

Contudo as suas cerimónias e orações judaicas propriamente ditas, continuam a fazê-las em segredo, exactamente como nos velhos tempos da Inquisição.

3.1 — Dos ritos de passagem aos cânticos de Páscoa

Assumem um característico aspecto as orações, rezas ou ditos dos cristãos-novos por altura de um determinado rito de passagem. Ainda conseguimos registar ali (gravar) as recitações alusivas a tal tipo de ritos a «fórmula de casamento» já também estudadas por Schwarz:

Em nome de Deus de Abraão,
Isaac e Jacob
Eu vos uno.
Cumpri vós a sua bênção.

Por seu turno quando se está a proceder à lavagem de um defunto reza-se:

— Bendito meu Deus,
meu Senhor, meu Adonai
que nos mandou e encomendou

que lavássemos este nosso irmão
 como fizeram aos nossos irmãos
 na Terra da Promissão.

Ou, ainda:

A — Irás e virás, ao campo de Josafat,
 o diabo encontrarás e lhe dirás:
 — Salta atrás, Satanás!
 — Que traz?
 — Água para me lavar,
 pano para me limpar
 e oferta para te atirar.

B — Em seis dias e seis noites,
 fez Adonai o Céu e a Terra,
 no sétimo dia folgou e descansou.
 Assim folgue e descanse
 a alma do finado
 que não tenha acusador a sua alma
 nem a minha quando deste mundo for.

C — Louvado seja o nome do Senhor,
 bem por alma do nosso irmão...
 que deste mundo partiu.
 As suas carnes se desfarão
 por onde a sua alma mereça a pena.
 O Senhor a livre da pena de agulhão,
 a ponha em bom lugar,
 posta em alçamento;
 no céu sem claridade,
 na terra com proficamento.
 O senhor lhe dê lugar,
 que a tome à sua conta,
 que fale com Elias e Araão,
 com todos aqueles que profetas são
 e que arredor do Senhor estão
 Amen Senhor, etc.

C — Por seu lado quando levam o defunto da casa, rezam esta «oração da despedida»:

O anjo da guarda te guarde,
 o anjo da guia te guie,

que o Altíssimo Senhor vá na tua companhia.
Deus te dê boas saídas de casa e boas entradas de sepultura.
Pede ao Altíssimo Senhor, que me dê saúde e ventura.
Amen, Senhor, etc.

D — Entretanto quando se entra no cemitério é usualmente rezada esta oração:

Deus vos salve lá passados,
fostes vivos como nós,
nós seremos como vós,
lá nesse céu onde estais
pedi ao Senhor por nós,
que neste vale de lágrimas,
pediremos ao Senhor por vós.
Amen, Senhor, etc.

Por seu lado, e para lá dos «ritos de passagem», conseguimos também registar o testemunho dos «cânticos da Páscoa» da comunidade judaica de Belmonte nessa quadra festiva. Tais cânticos, assinale-se, constituem uma verdadeira obra-prima da literatura oral, delícia de etnomusicólogos:

Adonai, Adonai,
Adonai, Senhor meu!
Cantamos hoje ao Senhor
D'esta hora singular,
O cavalo e o cavaleiro
Lançou no profundo mar.
Estende o teu braço,
Já nos fica fortaleza;
Do faraó e do inimigo
Já combateu a fraqueza
E era vencedor
O seu Omnipotente Nome,
O carro de Faraó
E seu exército consome.
Caminhamos e andamos,
Louvaremos ao Deus d'Israel,
Que nos livrou do Egipto
D'aquele rei tão cruel
Caminhamos e andamos,
Louvaremos ao Deus d'Abraão,
Que nos livrou do Egipto

Da terra da escravidão.
Caminhamos e andamos,
Louvaremos ao Senhor,
Cantam os anjos no céu
os serafins ao Senhor.

Já depois de termos estudado, de forma aturada, a sobrevivência do repertório folclórico sefardita em Belmonte fomos constatados (por intermédio do conselheiro cultural da Embaixada de Israel em Lisboa, Josef Arad) para darmos apoio ao reputado etnomusicólogo franco-israelita Simha Arom, que pretendeu efectuar os seus estudos no seio daquela comunidade. Tendo-o introduzido em relação àquela problemática recebemos, por nossa parte, daquele especialista, toda uma vasta gama de ensinamentos em relação às suas pesquisas (sobretudo em relação aos trabalhos que ele tem desenvolvido ao longo dos últimos anos em vários países, particularmente na República Centro Africana) (AROM, 1984). Sima Arom é bolseiro do CNRS, o que, já por si, dá uma dimensão da sua personalidade como investigador. Dos seus resultados concretos, em termos da publicação de qualquer «memória» em relação à sua visita a Belmonte, nada sabemos ainda.

Mas se a comunidade judaica dessa vila beirã (descrita tão sucintamente por Samuel Schwarz nos começos do século), nos falava de uma cultura, apesar de ainda viva, mas já em acentuado «desgaste», a comunidade de hoje «fala-nos» quase só de «passado agonizante». Trata-se, aqui, no fundo, de se constatar a «agonia» de uma cultura que foi preservada (não sem alguma dificuldade) até aos nossos avós, mas que hoje se situa em franco risco de desaparecimento ao nível de algumas (mais) gerações.

Hoje já são poucos, efectivamente, os que fazem o jejum pelo Purim e nenhuns os que fazem a celebração pelo antigo ritual de Purim. Respeitam o Pésah, cozinham o seu «matzot» segundo uma receita velha de gerações. Recitam várias bênçãos tradicionais em várias fases do processo, e fazem uma curta refeição Séder que inclui ervas (DOMINGO, 1984).

Por volta de Lag Baomer, terceiro mês após o Pésah, fazem piqueniques familiares. E, é claro, acendem velas de Sabbath na véspera desse dia — de óleo não de parafina — enquanto recitam bênçãos em português.

Quando alguém morre, um padre católico preside aos rituais funerários e observam um luto de sete dias, honrando o falecido, dando ofertas de caridade durante esse período.

Os casamentos são realizados de acordo com o ritual judeu em casa, e depois registados na Conservatória do Registo Civil, ou, em certos casos, também celebrados na Igreja por padre católico.

Antes de entrarem na igreja continuam, no entanto, tal como outrora, a dizer ainda em silêncio aquela oração que também registámos (e foi de igual modo estudada por Samuel Schwarz):

— Nesta casa entro
Não adoro nem o pau nem a pedra
Só a Deus que tudo governa.

Estudar uma comunidade (de ascendência) judaica — mesmo que hoje praticamente agonizante — como a de Belmonte (CANELO, 1985) constitui, por assim dizer, uma espécie de «romagem de saudade», ou uma «romagem ao passado», morto ou agonizante. A História é um processo com uma dinâmica muito própria, e o que aqui se procura traduzir mais não é do que, como atrás referimos, a própria dinâmica da cultura.

CONCLUSÃO

Debrucemo-nos, agora, sobre algumas das principais conclusões do nosso trabalho que, ao longo dos vários anos de convívio com aquelas gentes de Belmonte, pudemos tirar:

1. Caracterização da «nação» exilada

Já durante a nossa viagem de acompanhamento destes «sefarditas» à cidade santa de Jerusalém, em 1983, pudemos aperceber-nos de que o (alegórico) «regresso à terra prometida» — presente em tantos espécimes do seu folclore oral — não é um vínculo espiritual vão. Eles mantêm em si, apesar de todos os séculos decorridos, aquela força anímica que levou, nas mais díspares partes do mundo, à constituição da «nação» de Israel no exílio. Foi esse cimento que, ao longo de sucessivas gerações, contribuiu para que as gentes de Israel, na sua diáspora pelo mundo, mantivessem a sua fidelidade às leis do Torah. Foi assim que, desde há muitos séculos também, através dos mais intrincados meios, as restritas comunidades «askenhazi» ou «sefarditas» (neste caso a dos marranos de Belmonte) souberam desenvolver os seus mecanismos de defesa de forma a que a sua crença e os seus actos de culto sobrevivessem.

2. Mecanismos de defesa na grande cidade e no pequeno núcleo rural

Já ao longo dos séculos XIII e XIV se nota a manifestação dos recursos de defesa nas comunidades judaicas, tanto rurais como urbanas. Portugal não foi uma excepção a tais premissas. O desenvolvimento de tais mecanismos torna-se, no entanto, muito mais notado nos pequenos núcleos, por ser mais reduzida a escala das suas repercussões em relação ao contexto geo-estratégico social, demográfico e religioso em que ele se situa.

Tais mecanismos de defesa assentam, entre outros, nos pressupostos de uma vincada identidade religiosa. Há assim que se partir da manutenção de um

afincado secretismo religioso. Em complementaridade, vem o «retrato» ou este-reotipo dessa mesma identidade física que se traduz no traje (com pouco grau de variabilidade), no vestuário das gentes da comunidade, nos ornamentos do interior da própria casa, e na afinidade temática (para com as gentes de «Nação» de outras latitudes) dos espécimes do seu folclore essencialmente religioso.

3. Graus de variabilidade rítmica no calendário ritual

Numa óptica de preservação da fidelidade do culto, tanto na comunidade judaica urbana como na rural, os processos rituais desenrolam-se segundo a «ordem» de um calendário ritual. Há, no entanto, que se estipularem as diferenças de ritmo no cumprimento desse mesmo calendário. Na cidade, com efeito, o «tempo» ritual decorre de uma forma muito mais normativo. Aparentemente é tudo muito mais evidente, sobretudo aos do grupo (ou minoria religiosa) que frequentam a sinagoga. O calendário processa-se, assim, com regularidade e periodicidade.

Na comunidade judaica rural, ao «tempo contínuo» da prestação de culto na cidade, contrapõe-se, para além de um «tempo descontínuo», um faseamento de prestações de culto «proto-histórico» e aparente. À falta de uma sinagoga, é no próprio lar que cada «marrano» desenvolve — num ciclo verdadeiramente irreal (e que apenas sobrevive no «legado histórico» da memória de cada um) — os actos traduzíveis da sua crença. E se essa crença hoje está «morta» no que concerne à existência de muitos actos de culto palpáveis, não há que «reter» o passado numa vitrina, mas sim equacionar o presente a partir das «armas» de leitura que nos são facultadas pela Antropologia Social e Cultural e pela Sociologia das Religiões.

4. Verdade e morte em Belmonte

Dir-se-á apenas, a finalizar, que o tempo e a História não pararam em Belmonte. Se hoje ainda ali se situam pouco mais de duzentas pessoas que teimam em se considerar «judaicas» — mesmo que os seus actos quotidianos, em termos de prestação e manutenção de culto não o traduzam de qualquer forma — a morte das suas crenças está presa por um fio. Assim (não teorizando nós aqui tais premissas como um «mau augúrio») não iremos muito longe se fizermos a antevisão pelos dados factuais que a História hoje nos faculta, para as duas primeiras décadas do século XXI, a extinção definitiva de tal comunidade. Isso, importa frisá-lo, apenas no que respeita à manutenção de tal identidade religiosa e não da existência (ou não) de descendentes dos velhos marranos que ali vivem ou um dia viveram.

5. A agonia do presente

Da caracterização bio-tipológica dos actuais belmontenses falou-se atrás. Mas se, até ainda há pouco, os elementos da comunidade «de marranos» daquela vila teimava — já desesperadamente e em última instância — na realização de matrimónios apenas no seio da sua própria comunidade —, hoje essa medida (até pela falta de um contingente de adolescentes no tecido social da comunidade) é já por demais arcaica.

E se, há cinquenta anos atrás, os casamentos consanguíneos acarretavam para esta «colónia» determinados tipos de degenerescências biológicas e mentais, esse risco já é praticamente inexistente, pela falta desse mesmo contingente humano.

Se em pequenas comunidades de minorias religiosas — como a dos parses de Damão (e também a de Bombaim) que vimos estudando desde 1978 — a frequência de incesto (uma matéria que tem vindo a ser investigada com particular propriedade pelo dr. Laranjeira do Museu e Laboratório Antropológico de Coimbra) é algo que traduz o «medo» de extinção dessa mesma identidade, na comunidade de Belmonte esse temor, mesmo que traduzível em outros aspectos, não deixa de ser também patente. Os elementos dessa comunidade — presos a medos antigos que nos fazem remontar aos tempos inquisitoriais — agarram-se assim ao passado. O seu depauperamento e asfixia como grupo religioso está, assim, pela falta de cimento orgânico (que poderia ter passado, nomeadamente, pela existência de uma sinagoga e pela regularidade da prática de culto como imposição dos seus valores espirituais ante a sociedade local), a conduzi-los para uma morte inapelável.

Do futuro, apenas, se dirá: ali (em Belmonte) tardou, tal como de um filme histórico se tratasse, a agonia lenta dos últimos descendentes de marranos portugueses. Eles foram os últimos a morrer.

BIBLIOGRAFIA

- AROM, Simba, 1984 — *Anthologie de la musique des Pygmées Aka Centrafique*, Paris.
CANELO, David Augusto, 1985 — *Os Últimos Judeus Secretos*. «Jornal de Belmonte».
DOMINGO, Xavier, 1984 — «Cambio 16», Barcelona.
LEAKEY, Richard, 1982 — *A Origem das Espécies*, ilustrada, Charles Darwin, Editorial Universidade de Brasília.
PAULO Amilcar (sem data) — *Os Criptojudeus*, Porto, Athena.
SCHWARZ, Samuel, 1925 — *Os Cristãos Novos em Portugal no Século XX*, Lisboa.